

D. Pedro II

Enquanto os vivos se reuniam em torno do monumento que o Brasil erigiu ao Patriarca da Independência, no Rio de Janeiro, os grandes “mortos” da Pátria igualmente se colocavam entre os incarnados, aliando-se ao povo carioca nas suas comovedoras lembranças.

Também eu acorri ao local da festa votiva dos Brasileiros, acompanhado do meu amigo José Porfirio de Miranda, antigo milionário do Pará, que a borracha elevara ás culminâncias da fortuna, conduzindo-o, em seguida, aos declives da miséria, nos seus caprichosos movimentos.

Os vivos e mortos do Brasil se reuniam na mesma vibração afetiva das recordações suaves, enviando ao nobre organizador da vida política da nacionalidade um pensamento de amizade e de veneração.

Antigo companheiro nosso, também no plano invisível, em plena via pública acercou-se de mim, exclamando:

— Chegas um pouco tarde. José Bonifácio já não está presente; mas, poderás ainda conseguir uma proveitosa entrevista para os teus leitores. Sabes quem saiu daqui neste momento?

— Quem? pergunto eu, na minha fome de notícias.

— O Imperador.

— D. Pedro II?

— Ele mesmo. Após lembrar a grande figura do Patriarca, dirigiu-se com alguns amigos para Petrópolis, a reavivar velhas lembranças...

Em meu íntimo, havia um alvoroço de emoções. Lembrei-me de que, em toda a minha existência de jornalista no mundo, só enxergara um monarca dentro dos meus olhos: o rei Alberto I, dos Belgas, quando, no Clube dos Diários, a élite dos intelectuais do país lhe oferecera a homenagem de uma comovida admiração. E ponderei se haveria mérito em consultar o pensamento de um rei, no outro mundo, onde todas as majestades desaparecem. Recordei a figura do grande imperador que Victor Hugo considerava o monarca republicano. Com os olhos da imaginação, vi-o, de novo, na intimidade dos Paços de São Cristóvão: o perfil heráldico, onde um sorriso de bondade espalhava o perfume da tolerância; as barbas compridas e brancas, como as dos santos das

oleografias católicas; o olhar cheio de generosidade e de brandura, irradiando as mais doces promessas.

Um vivo, em havendo de ir a Petrópolis, é obrigado ao trajeto penoso dos onibus, embora as perspectivas maravilhosas do mais belo trecho de todas as estradas do Brasil; os desincarnados, porém, não necessitam de semelhantes sacrifícios. Num abrir e fechar de olhos, eu e o meu amigo nos encontravamos na encantadora cidade dashortências, onde os milionários do Rio de Janeiro podem descansar nas mais variadas épocas do ano.

Não fomos encontrar o Imperador nos antigos edifícios em que estabeleceria a residência patriarcal de sua família; mas, justamente num recanto de jardim, contemplando as deliciosas paisagens da Serra da Estrela e apreciando o sabor das recordações amigas e doces.

Acerquei-me da sua individualidade, com um mixto de curiosidade e de profundo respeito, procurando improficiuamente identificar os dois companheiros que o rodeavam.

— Majestade! — tentei chamar-lhe a atenção com a minha palavra humilde e obscura.

— Aproximem-se, meus amigos! — respondeu-me com benevolência e carinho. — Aqui não existe nenhuma expressão de majestade. Cá es-

tão, fraternalmente comigo, o Afonso ⁽¹⁾ e o Luiz ⁽²⁾, como três irmãos, sentindo eu muito prazer na companhia de ambos. Se o mundo nos irmana sobre a terra, a morte nos confraterniza no espaço infinito, sob as vistas magnanimas do Senhor.

E, fazendo uma pausa, como quem reconhece que ha tempo de falar e tempo de ouvir, conforme nos aconselha a sabedoria da Bíblia, exclama o Imperador com bondade:

— A que devo o obsequio da sua interpelação?

— Majestade! — respondi, confundido com a sua delicadeza — desejara colher a sua opinião com respeito ao Brasil e aos Brasileiros. Estamos no limiar do cincocentenário de República e seria interessante ouvir o vosso conselho paternal para os vivos de boa vontade. Que pensais destes quarenta e tantos anos de novo regime?

— Minha palavra — retrucou D. Pedro — não pode ter a importancia que a sua generosidade lhe atribue. Que poderia dizer do Brasil, senão que continuo a amá-lo com a mesma dedicação de todos os dias? Do plano invisivel, para o mundo, prosseguimos no mesmo labor de cons-

(1) Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de Ouro Preto. Foi presidente do último gabinete ministerial que teve a monarquia.

(2) Luiz Felipe Gastão de Orleans, Conde d'Eu. Foi genro de D. Pedro II, por ter casado com a princesa Isabel.

trução da nacionalidade. As convenções políticas dos homens não atingem os espíritos desincarnados. O exílio termina sempre na sepultura, porque a unica realidade é o amor e o amor, eliminando todas as fronteiras, nos ligou para sempre ao torrão brasileiro. Não tenho o direito de criticar a República, mesmo porque todos os fenômenos políticos e sociais do nosso país tiveram os seus pródomos no mundo espiritual, considerando-se a missão do Brasil dentro do Evangelho. Apenas quero dizer que não só os republicanos, mas tambem nós, os da monarquia, estavamoos redondamente enganados. O erro da nossa visão, quando na terra, foi supor no Brasil o mesmo espírito anglo-saxão que a Inglaterra legara aos Norte-americanos. Eu tambem fui apaixonado pelo liberalismo, mas a verdade é que, em nossa terra, prevaleciam outros fatores mesológicos e, até agora, não temos sabido conciliar os interesses da nação com esses imperativos.

A ausencia de tradição nos elementos de nossa origem como povo estabeleceu uma descentralização de interesses, prejudicial ao bem coletivo do país. Para a formação nacional, não vieram da metrópole os espíritos mais cultos. Pesando, de um lado, os africanos, revoltados com o cativéiro, e, de outro, os índios, revoltados com a invasão do estrangeiro na terra que era propriedade de dêles, a balança da evolução geral ficou seriamente comprometida. Sentimentos excessivos de

liberdade não nos permitiram um refinamento de educação política. Todos querem mandar e ninguém se sente na obrigação de obedecer. Quando no imperio, possuímos a autoridade centralizadora da Corôa, prevalecendo sobre as ambições dos grupos partidários que povoavam os nossos oito milhões de quilometros quadrados; mas, quando os republicanos sentiram de perto o peso das responsabilidades que tomaram á sua conta, os espíritos mais educados reconheceram o desacerto das nossas concepções administrativas. Enquanto as nações da Europa e os Estados Unidos podiam empregar livremente no nosso país os seus capitais, a titulo de empréstimos vultosos que desbaratavam compulsoriamente a nossa economia, o Brasil podia descansar na monocultura, fazer a política dos partidos e adiar a solução dos seus problemas para o dia seguinte, dentro de um regime para o qual não se achava preparado em 1889. Mas, quando se manifestou a crise mundial de 1929, todas as instituições políticas sofreram as mais amplas renovações, dentro dos movimentos revolucionários de 1930. Os capitais estrangeiros não puderam mais canalizar suas disponibilidades para a nossa terra, controlados pelos governos autárquicos dos tempos que correm, e o Brasil acordou para a sua propria realidade. Aliás, nós, os desincarnados, há muito tempo procuramos auxiliar os vivos na sua tarefa.

— Quer dizer que também tendes inspirado

os labores dos estadistas brasileiros?

— Sim, de modo indireto, pois não podemos interferir na liberdade dêles. Ha alguns anos, procurei auxiliar Alberto Torres nas suas elucubrações de ordem social e política. Em geral, nós, os desincarnados, buscamos influenciar, de preferência, os organismos mais sensíveis á nossa ação e Torres era o instrumento de nossas verdades para a administração. A realidade, porém, é que êle falou como Jeremias. Sómente a gravidade da situação conseguiu despertar o espirito nacional para novas realizações.

— Majestade, as vossas palavras me dão a entender que aprovais o novo estado de coisas do Brasil. Aplaudistes, então, a queda da denominada república velha, sob as vibrações revolucionárias de 1930?

— Com as minhas palavras — disse êle bondosamente — não desejo exaltar a vaidade de quem quer que seja, nem deprimir o esforço de ninguém. Não posso aplaudir nenhum movimento de destruição, pois entendo que, sobre a revolução, deve pairar o sentimento nobre da evolução geral de todos, dentro da maior concordia espiritual. Considere que, examinando a minha consciência, não me lembro de haver fortalecido nenhum sentimento de rebeldia nos meus tempos de governo; entretanto, muito sofri, verificando que eu poderia ter suavizado a luta entre os nossos estadistas e os políticos da America espanhola.

Outra forma de ação poderíamos ter empregado no caso de Rosas e de Oribe e mesmo em face do próprio Solano Lopez, (1) cuja inconsciência nos negócios do povo ficou evidentemente patenteada. E note-se que o problema se constituia de graves questões internacionais. O nosso mal foi sempre o desconhecimento da realidade brasileira. Os nossos períodos históricos têm sofrido largamente os reflexos da vida e da cultura europeias. Nos tempos do império, procurei saturar-me dos princípios democráticos da política francesa, tentando aplicá-los, amplamente, ao nosso meio, longe das nossas realidades práticas. Os republicanos, com Benjamin Constant, Deodoro, etc., deram-se a estudar a "República Americana", de Bryce, distantes dos nossos problemas essenciais. Quando regressei das lutas terrestres, procurei imediatamente colaborar na consolidação do novo regime, afim de que a divisão e os desvarios de muitos dos seus adeptos não terminassem no puro e simples desmembramento do país. Graças a Deus, conseguimos conduzir Prudente de Moraes ao poder constitucional, para acabarmos reconhecendo agora as nossas realidades mais fortes. Devo, todavia, fazer-lhe sentir que não me reconheço com o direito de opinar sobre os trabalhos dos homens públicos do país. Cabe-me, sim, rogar a Deus que

(1) Alusão ás lutas e guerra em que se envolveu o Brasil com as Repúblicas do Uruguai, Argentina e do Paraguai.

os inspire, no cumprimento de seus austeros deveres, diante da pátria e do mundo. O grande caminho da atualidade é a organização da nossa economia, em matéria de política, e o desenvolvimento da educação, no que concerne ao avanço sociológico dos tempos que passam. Os demais elementos de nossas expressões evolutivas dependem de outros fatores de ordem espiritual, longe de todas as expressões transitórias da política dos homens.

A essa altura notei que a minha curiosidade jornalística começava a magoar a venerável entidade e mudei repentinamente de assunto.

— Majestade, que dizeis da grande figura hoje lembrada?

— O vulto de José Bonifácio foi sempre objecto de meu respeito e de minha amizade. E olhe que foi él o mais sensato organizador da nacionalidade brasileira, cujo progresso acompanha, carinhosamente, com a sua lealdade sincera. Hoje, que se comemora o centenário da sua desincarnação, devemos relembrar o seu regresso, de novo, ao Brasil, em meados do século passado, tendo sido uma das mais elevadas expressões de cultura, na Constituinte de 1891.

Dispunha-me a obter novos esclarecimentos; mas, o Imperador, acompanhado de amigos, retirava-se quasi que abruptamente da nossa companhia, correspondendo fraternalmente a outros apêlos sentimentais.

Palavras amigas de adeus e votos de ventura no plano imortal e eu e o meu amigo José Porfirio lá ficavamos com a suave impressão da sua palavra sabia e benevolente.

Daí a momentos, o meu companheiro quebrava o silencio de minha meditação:

— Humberto, os monarquistas tinham razão!... Este velho é um poço de verdade e de experiência da vida! Você deve registrar esta entrevista, oferecendo aos vivos estas palavras quentes de conhecimento e de sabedoria!...

E aqui estou escrevendo para os meus ex-companheiros pelo estomago e pelo sofrimento.

Acreditarião no humilde cronista desincarnado?

Não guardo dúvidas nesse sentido. Penso que obteria mais amplos resultados, se fosse ao Cemitério do Cajú e gritasse a palavra do Imperador, para dentro de cada túmulo.

(Recebida pelo medium Francisco Cândido Xavier)



A «morte» de Pio XI

Cercado de todas as honras pontificiais, Pio XI agoniza...

De seus labios exaustos, nada mais se ouve, além de algumas palavras ininteligíveis. Seu coração está mergulhado na rême dolorosa das perturbações orgânicas, mas seu espírito está lúcido, como o de uma sentinelá, a quem não se permite dormir.

Alvorece o dia... Preparam-se os sinos de Roma para anunciar as matinas á antiga cidade dos Cesares e o velho pontífice tenta, ainda uma vez, articular uma palavra que expresse a sua vontade derradeira. Todavia, não obstante todas as dignidades sacerdotais e apesar de todos os títulos nobiliarquicos do mundo, que lhe outorgam o tratamento de um soberano terrestre, Sua Santidade se despede da vida material, sob os mesmos imperativos dos regulamentos humanos da natu-